

ENTRE SIBILOS E CHIADOS DO /S/ EM CODA SILÁBICA: UM ESTUDO SOCIOFONÉTICO DE PERCEPÇÃO DIALETAL NA BAHIA

BETWEEN SIBILANTS AND SHIBILANTS OF /S/ IN SYLLABLE CODA: A SOCIOFONETIC STUDY ABOUT DIALECTAL PERCEPTION IN BAHIA

Warley José Campos Rocha (IFRO)

warley.rocha@ifro.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-7412-8424>

Vera Pacheco (UESB)

vera.pacheco@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7986-7701>

RESUMO: Neste trabalho, tomamos como objeto de estudo a (auto)identificação dialetal de pessoas naturais de Vitória da Conquista-BA e Salvador-BA expostas a estímulos com o /S/ pós-vocálico. Objetivamos, assim, investigar a autoidentificação dialetal de conquistenses e soteropolitanos, baseando-nos, para tanto, na percepção da realização variável do segmento fonológico em destaque. Sobre os pressupostos teórico-metodológicos, pautamo-nos na Sociofonética e na Dialetoлогия Perceptual. Em decorrência da pandemia provocada pelo SARS-CoV-2 em 2020, os estímulos para o teste de percepção, assim como as reações de participantes a esses estímulos, foram coletados remotamente. Os dados obtidos receberam tratamento estatístico a partir do software GoldVarb X e, com base nos resultados encontrados, constatamos que tanto os conquistenses quanto os soteropolitanos apoiam-se na realização palatalizada do referido segmento fonológico em dialetos diferentes dos seus para as tarefas de discriminar e identificar seu modo de falar, considerando que os valores dos pesos relativos para ambas as tarefas nos resultados dos testes das duas comunidades estão acima de 0.70.

PALAVRAS-CHAVE: /S/ Pós-Vocálico; Palatalização; Identificação Dialetal; Dialetoлогия Perceptual; Sociofonética.

ABSTRACT: In this work, we analyze the (self)dialectal identification of people from Vitória da Conquista and Salvador, both in the state of Bahia, exposed to stimuli with post-vocalic /S/. We aim to investigate the dialectal self-identification of these two groups of people, based on the perception of the variable realization of /S/. We are theoretically and methodologically guided by Sociophonetics and Perceptual Dialectology. As a result of the pandemic caused by

SARS-CoV-2 in 2020, the stimuli for the perception test and the participants' reactions to the stimuli were remotely collected. The data obtained received statistical treatment using GoldVarb X and, based on the results found, we found that both people from Vitória da Conquista and from Salvador rely on the palatalized realization of that phonological segment in dialects other than their own to discriminate and identify their way of speaking, considering that the values of the relative weights for both tasks in the test results for both communities are above 0.70.

KEYWORDS: *Post-Vocalic /S/; Palatalization; Dialectal Identification; Perceptual Dialectology; Sociophonetics.*

1 Introdução

O /S/ em posição de coda silábica protagoniza, como objeto de estudo, muitas pesquisas linguísticas no Brasil. Entre os estudos registrados na literatura linguística brasileira, encontramos, com frequência, aqueles que se alinham aos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, bem como da Dialetologia. Podemos encontrar, inclusive, em um rápido levantamento, estudos sobre a referida temática nas cinco regiões do país, a exemplo de Brescancini (1996; 2004), no Sul; Corrêa (1998), no Centro-Oeste; Mota (2002), no Nordeste; Brandão (2008), no Sudeste; e Monteiro (2009), no Norte.

É importante ressaltarmos também, especialmente pela natureza da pesquisa documentada neste artigo, que a variabilidade observada na realização fonética do /S/ pós-vocálico interessa pesquisadores no que tange tanto à sua produção quanto à percepção, como foi o caso de Biasibetti (2018), que investigou as duas perspectivas nos falares de Florianópolis e Porto Alegre. Ainda que se observe que os estudos de produção sejam mais numerosos do que os de percepção, Thomas (2013) argumenta que os estudos de percepção, em geral, mesmo que em minoria, têm uma vasta história na Sociofonética, teoria que fundamenta nossa análise.

Ao levarmos em conta as cidades de Vitória da Conquista-BA e Salvador-BA, notamos que, nesta, a palatalização do /S/ pós-vocálico realiza-se tanto na posição medial quanto na final e, em Vitória da Conquista, quando o /S/ em coda silábica antecede uma africada alveopalatal surda ou sonora, seguida de uma vogal alta não arredondada [t̪i, d̪zi] (MOTA, 2002; NASCIMENTO; MOTA, 2018), como, por exemplo, em palavras como “místico” [ˈmiʃt̪iʃiku]. Desse modo, orientados pela pergunta se os falantes das duas comunidades identificam os próprios dialetos tomando a produção alveolar e pós-alveolar do

arquifonema fricativo em posição de coda silábica como um elemento diferenciador, neste trabalho, que integra uma pesquisa maior, aventamos a hipótese de que os conquistenses percebem seu dialeto quando não há a palatalização do /S/ em posição de coda, enquanto o contrário é um elemento favorecedor para a autoidentificação dialetal do soteropolitano.

Assim, para responder à questão de pesquisa suscitada, bem como para testar a nossa hipótese, temos como principal objetivo investigar a autoidentificação dialetal de conquistenses e soteropolitanos, baseando-nos, para tanto, na percepção da produção alveolar e pós-alveolar do arquifonema fricativo em posição de coda silábica. Diante desse delineamento da pesquisa, organizamos o artigo, além desta seção, em outras quatro, a saber: (i) *Fundamentação Teórica*, tendo a Sociofonética como teoria em destaque; (ii) *Metodologia*, em que descrevemos as etapas metodológicas da pesquisa; (iii) *Resultados e Discussões*, em que apresentamos os resultados obtidos para este trabalho juntamente com as respectivas análises; e (iv) *Considerações Finais*, destinada às ponderações que são possíveis de serem feitas até o momento. Passemos, portanto, às referidas seções do artigo.

2 Fundamentação Teórica

Com o intuito de evidenciar os subsídios teóricos que sustentaram nossas análises, nesta seção, destacamos: a Sociofonética (FOULKES; SCOBIE; WATT, 2010; LABOV, 2006), como principal teoria de base para a pesquisa; e os pressupostos relacionados à Dialetoлогия Perceptual (WILLIAMS; GARRETT; COUPLAND, 1999; PRESTON, 1999).

A Sociofonética, já em seu nome, indica sua essência teórico-metodológica. Labov (2006, p. 500), por exemplo, acentua que a referida área consiste no “[...] estudo da sensibilidade de *falantes* e *ouvintes* para o *contexto social*, no qual a língua é *produzida* e *percebida* [...]”¹ (tradução e grifos nossos). Podemos, portanto, extrair dessa breve citação, especialmente a partir dos termos em destaque, o interesse de pesquisa da Sociolinguística e da Fonética, que se associam, por sua vez, resultando na Sociofonética.

Em algumas circunstâncias, entretanto, essa conciliação teórica apresenta incompatibilidades. Sobre isso, Thomas (2013) explica que:

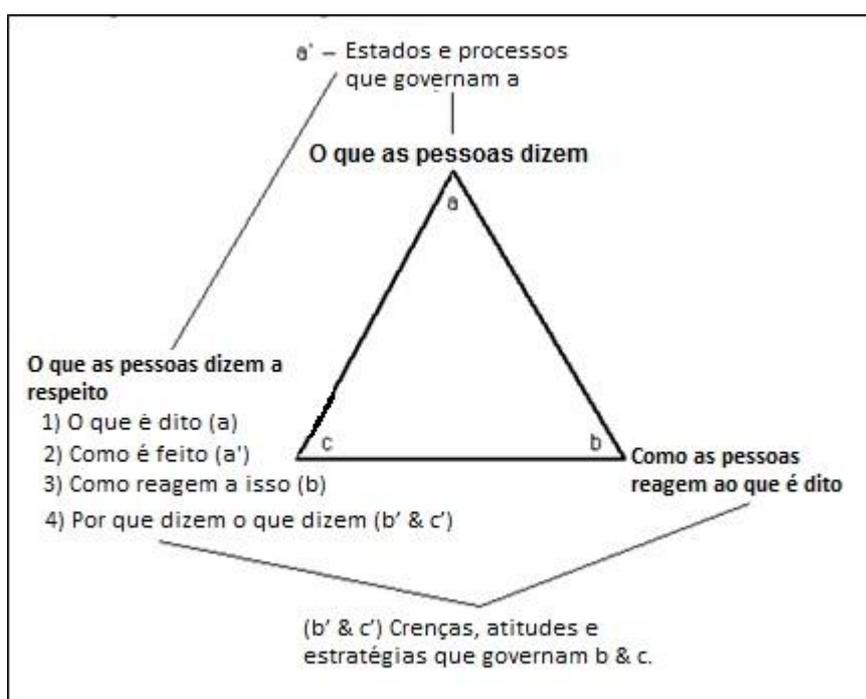
Certo conflito surge no sentido de que a sociolinguística visa à naturalidade, levando a um foco na fala sem monitoramento e na representatividade dos sujeitos dentro das

¹ “[...] the study of speakers and listeners’ sensitivity to the social context in which language is produced and perceived [...]” (LABOV, 2006, p. 500).

comunidades, enquanto a fonética normalmente valoriza a replicabilidade em experimentos, com foco na fala em ambientes de laboratório. A sociofonética tenta respeitar ambas as prioridades, desenvolvendo práticas para uso em campo que são projetadas para quase replicabilidade. (THOMAS, 2013, p. 108, tradução nossa)²

No entremeio dessa associação epistemológica, emergem os trabalhos de percepção dialetal. Preston (1999), para ilustrar os empreendimentos científicos em Dialectologia Perceptual, apresenta a Figura 1:

Figura 1 – Três abordagens para os dados linguísticos (imagem adaptada com tradução nossa)



Fonte: Adaptado de Preston (1999, p. xxiii).

Em linhas gerais, segundo o autor, no topo do triângulo, que se relaciona *ao que as pessoas dizem*, encontra-se o maior número de pesquisas sobre a língua. Por outro lado, os estudos em percepção dialetal recaem na base do triângulo, onde estão os pontos *b* e *c*, que representam *como as pessoas reagem ao que é dito* e *o que as pessoas dizem a respeito*. Desse modo, a percepção de um dialeto remonta elementos não somente linguísticos, mas, também, especificidades sociais. Nesse sentido, Preston (1999) argumenta que *o que as*

² “[...] Some conflict arises in that sociolinguistics aims for naturalness, leading to a focus on conversational speech and representativeness of subjects within communities, while phonetics typically prizes replicability in experiments, focusing on speech in laboratory settings. Sociophonetics attempts to respect both priorities by developing practices for field use that are designed for near-replicability.” (THOMAS, 2013, p. 108)

peças de fato dizem dão suporte tanto a estudos etnográficos, conversacionais e relacionados à performance linguística quanto a sociolinguísticos, geolinguísticos e histórico-linguísticos, na medida em que se considera *o quanto as pessoas falam diferentemente*.

Com base nos pressupostos da Dialetologia Perceptual, podemos desenvolver estudos que envolvem o reconhecimento de uma variedade de língua, assim como a atitude associada a esse reconhecimento. Sobre o reconhecimento dialetal, Williams, Garrett e Coupland (1999) assinalam que trabalhos nesse campo evidenciam que pessoas que não são necessariamente linguistas podem se mostrar muito mais sensíveis às fronteiras do dialeto.

Baseando-nos em tais pressupostos, o presente trabalho investiga o (auto)reconhecimento dialetal de conquistenses e soteropolitanos, seguindo as etapas metodológicas descritas na próxima seção.

3 Metodologia

Nesta seção, descrevemos a parte metodológica do trabalho em quatro etapas, a saber: (i) a obtenção das gravações para preparação dos estímulos; (ii) a preparação dos estímulos sonoros usados na tarefa de percepção; (iii) a aplicação do teste de percepção; (iv) o tratamento estatístico dos dados.

3.1 A obtenção das gravações para preparação dos estímulos

A diferença na produção do /S/ pós-vocálico de soteropolitanos e conquistenses é uma marca dialetal bastante reconhecida. Segundo Mota (2002), na fala de soteropolitanos, a palatalização do arquifonema fricativo em posição de coda silábica é verificada tanto na posição medial quanto final, sendo as consoantes coronais palatalizadas [tʲ, dʲ] e a coronal alveolar não-sonora [t], em ambiente fonético subsequente à realização o /S/ pós-vocálico, favorecedoras à palatalização. Os conquistenses, por seu turno, também palatalizam quando o /S/ pós-vocálico antecede uma africada alveopalatal surda ou sonora, seguida de uma vogal alta não arredondada [tʰi, dʒi] (NASCIMENTO; MOTA, 2018), como em ['deʃdʒi], mas não palatalizam em contexto antecedente à realização da coronal alveolar não-sonora [t], como os soteropolitanos.

Assim, nosso primeiro passo foi selecionar as palavras com /S/ em posição de coda que deveriam ser submetidas às gravações. Considerando que nossa questão maior era a

realização pós-alveolar ou alveolar da fricativa, desconsideramos o fator sonoridade. Tendo como norte o critério de inclusão /S/ em coda longe de oclusiva alveolar seguida de [i], escolhemos as seguintes palavras: *cascas*, *pasmas*, *testas*, *lesmas* e *lésbicas*. Ainda com base no critério de inclusão descrito, também selecionamos para gravação a seguinte frase: *Estamos passando pelas mesmas vontades que aquelas pessoas na festa*.

Selecionadas as palavras-alvo, o passo seguinte foi escolher os sujeitos para realizar a gravação. Nesta etapa da pesquisa, contamos com a participação de seis locutores homens, adultos e na faixa etária de vinte e cinco a trinta e nove anos: dois conquistenses, ambos que realizavam a fricativa alveolar, e dois soteropolitanos, um que realizava categoricamente a fricativa pós-alveolar e outro que não palatalizava sistematicamente. Além dos quatro locutores falantes dos dialetos foco da pesquisa, conquistenses e soteropolitanos, também contamos com a participação de outros dois locutores de dialetos distratores: um homem natural do Rio de Janeiro, dialeto que, à semelhança de Salvador, também tende a realizar a fricativa pós-alveolar (BRANDÃO, 2008); e um locutor natural de Triunfo (RS), que tende a realizar a fricativa em coda como alveolar (BASSI, 2016), como os falantes de Vitória da Conquista-BA.

Selecionadas as palavras e escolhidos os locutores, procedemos à gravação que, em virtude da pandemia provocada pelo *SARS-CoV-2* em 2020, foram realizadas de modo remoto. Os locutores foram orientados a fazê-las por meio do próprio *WhatsApp*, aplicativo de mensagens instantâneas. Com vistas a reduzir ao máximo qualquer comprometimento da percepção em decorrência da qualidade do áudio, orientamos os participantes que nos concederam o áudio a fazer as gravações em ambientes silenciosos, de preferência em cômodos onde houvesse móveis, cortinas e tapetes, por exemplo, exatamente para diminuir a incidência de ruídos indesejáveis.

Cada locutor gravou três vezes as palavras *cascas*, *pasmas*, *testas*, *lesmas* e *lésbicas*, nesta ordem, com pausa entre uma palavra e outra. Também gravaram por três vezes a frase selecionada, *Estamos passando pelas mesmas vontades que aquelas pessoas na festa*.

3.2 Preparação dos estímulos sonoros a serem usados nas tarefas de percepção

Com as gravações em mãos, passamos à etapa de preparação dos estímulos sonoros. Entre as três repetições das palavras e da frase realizadas pelos locutores, escolhemos a segunda repetição. Assim, buscamos evitar uma produção oral com interferência do

desconhecimento das palavras que poderia haver na primeira repetição e a influência de um possível tédio, presente na terceira repetição.

Utilizando sempre a segunda gravação das palavras e da frase, procedemos à preparação dos estímulos a serem usados em duas tarefas de percepção: tarefa de discriminação e tarefa de identificação.

Uma tarefa de discriminação requer que um juiz discrimine um estímulo específico entre vários estímulos apresentados. Dessa forma, para essa tarefa, montamos áudios, em que a mesma palavra (*cascas* ou *pasmás* ou *testas* ou *lesmas* ou *lésbicas*) alvo aparecia na versão falada pelos diferentes locutores em cada áudio, cabendo ao juiz discriminar qual das versões correspondia ao seu dialeto.

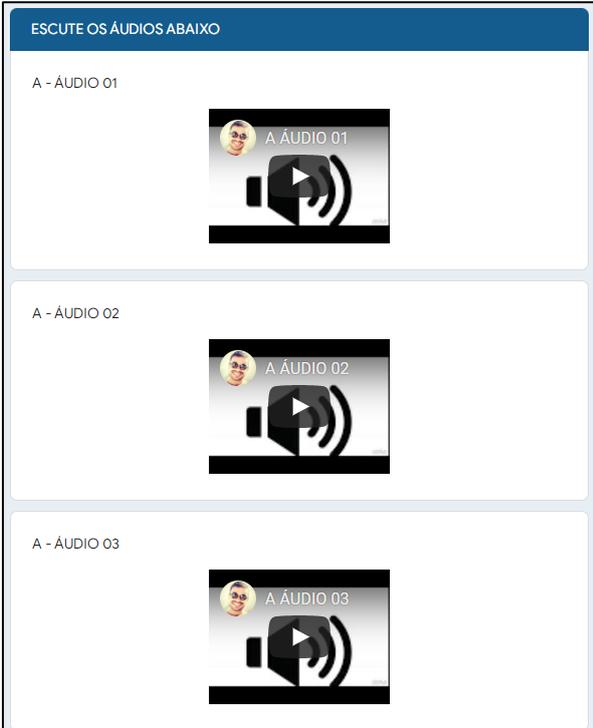
Para a tarefa de identificação, na qual cabe ao juiz, diante de um único estímulo, identificar, entre algumas opções que lhe são apresentadas, aquela que melhor descreve/representa o estímulo em questão, usamos as gravações realizadas pelos locutores da frase *Estamos passando pelas mesmas vontades que aquelas pessoas na festa*. Assim, neste trabalho, cabia ao juiz, diante de uma gravação dessa frase, identificar se o áudio ouvido era de um falante de seu dialeto ou de outro, entre as opções que lhes eram apresentadas.

Para a etapa da montagem do teste de percepção a partir das tarefas de discriminação e identificação, foram necessárias algumas microetapas voltadas ao tratamento dos áudios recebidos pelos participantes que concederam as gravações. Considerando que o teste seria acessado pelos juízes por meio de formulários *Google*, foi necessário que os áudios estivessem em um formato de vídeo, pois seria um formato ideal para execução do áudio tanto na visualização do teste em aparelhos portáteis quanto em computadores. Logo, os áudios, que inicialmente estavam no formato *.ogg*, foram convertidos para o formato *.mp3* e, na sequência, para o formato *.mp4*. As conversões foram feitas a partir do *site* Conversor de Áudio Online³. Assim, foi possível incluir os vídeos curtos na plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube* e, então, anexar aos formulários do *Google*, conforme pode ser visto na Figura 2 a) apresentação dos áudios e b) as opções dos áudios para resposta do juiz que apareciam em uma única tela do dispositivo (celular, computador, tablet) usado pelos juízes ao realizar a tarefa de percepção.

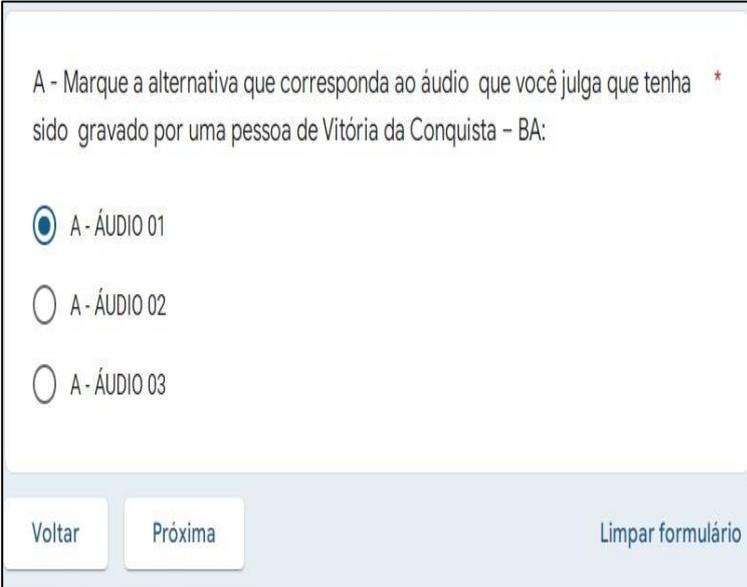
³ É possível acessar o site para conversão no seguinte endereço eletrônico: <https://online-audio-converter.com/pt/>

Figura 2 – Visualização do teste de percepção (imagem da parte referente à tarefa de discriminação)

a)



b)



ESCUTE OS ÁUDIOS ABAIXO

A - ÁUDIO 01

A - ÁUDIO 02

A - ÁUDIO 03

A - Marque a alternativa que corresponda ao áudio que você julga que tenha sido gravado por uma pessoa de Vitória da Conquista - BA: *

A - ÁUDIO 01

A - ÁUDIO 02

A - ÁUDIO 03

Voltar Próxima Limpar formulário

3.3 Aplicação das tarefas de percepção

Considerando que se trata de uma pesquisa com humanos, o presente estudo teve sua realização autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia a partir do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de número 42703020.5.0000.0055. Desse modo, o formulário *Google* dispunha inicialmente de uma consulta para saber se o juiz aceitava participar daquela pesquisa após esclarecimentos prévios. Feito isso, eram feitas perguntas de cunho social, especialmente, ao entendermos a importância dessas informações para a compreensão dos resultados. Portanto, foram feitas perguntas sobre: o nome do juiz (resposta opcional); e-mail (resposta opcional); idade; gênero⁴; escolaridade; naturalidade e localidade que residia no momento do teste; filiação e naturalidade dos pais.

⁴ Foi dada a opção de gênero masculino, feminino e outro (com possibilidade de especificação), mas não obtivemos respostas que não fossem as duas primeiras opções.

Feitas essas questões, o teste de percepção foi composto por duas tarefas, como dito anteriormente: tarefa de discriminação e tarefa de identificação. O *link* para acesso ao formulário *Google* com os áudios do *YouTube* foram enviados para falantes conquistenses e soteropolitanos, por meio de redes sociais e por e-mail para conhecidos dos pesquisadores. A tarefa de discriminação foi planejada em cima das cinco palavras, *casca*, *pasmas*, *testas*, *lesmas* e *lésbicas*.

Na tarefa de discriminação do teste de percepção, foi feita uma adaptação do modelo ABX (FERREIRA-SILVA, 2016). Nesse sentido, eram apresentados três estímulos aos juízes, como pode ser visto na Figura 2, em que dois deles possuíam a mesma realização do /S/ pós-vocálico, ainda que de localidades distintas, e um terceiro estímulo que apresentava realização distinta⁵. Assim, era pedido aos juízes soteropolitanos que discriminassem os áudios, selecionando aquele que correspondia a alguém de Salvador-BA, e, no caso dos juízes conquistenses, era pedido que discriminassem os sons e selecionassem o áudio da pessoa que julgavam ser de Vitória da Conquista-BA. Para melhor compreensão, no Quadro 1, apresentamos as combinações feitas para cada palavra tanto no teste de percepção de Salvador quanto no de Vitória da Conquista.

⁵ A única palavra que não conseguimos adequar ao modelo foi *testas* no teste de percepção de Salvador, visto que o informante soteropolitano produziu [ˈtɛʃtas] e os outros estímulos eram [ˈtestas] e [ˈtɛʃtaʃ].

Quadro 1 – Teste de percepção referente à tarefa de discriminação (Legenda: SSA – Salvador-BA; RJ – Rio de Janeiro-RJ; TFO – Triunfo-RS; VCA – Vitória da Conquista-BA)

Salvador – BA			Vitória da Conquista – BA		
CASCAS	SSA	[ˈkaskəs]	CASCAS	VCA	[ˈkaskəs]
	RJ	[ˈkaʃkɛʃ]		RJ	[ˈkaʃkɛʃ]
	TFO	[ˈkaskəs]		TFO	[ˈkaskəs]
PASMAS	SSA	[ˈpaʒmɐʃ]	PASMAS	TFO	[ˈpaʒmɐs]
	RJ	[ˈpaʒmɐʃ]		RJ	[ˈpaʒmɐʃ]
	VCA	[ˈpaʒmɐs]		VCA	[ˈpaʒmɐs]
TESTAS	SSA	[ˈtɛʃtɐs]	TESTAS	SSA	[ˈtɛʃtɐs]
	VCA	[ˈtɛstɐs]		VCA	[ˈtɛstɐs]
	RJ	[ˈtɛʃtɛʃ]		TFO	[ˈtɛstɐs]
LESMSAS	SSA	[ˈlɛzmɐs]	LESMSAS	SSA	[ˈlɛzmɐs]
	VCA	[ˈlɛzmɐs]		VCA	[ˈlɛzmɐs]
	RJ	[ˈlɛʒmɛʃ]		RJ	[ˈlɛʒmɛʃ]
LÉSBICAS	VCA	[ˈlɛzbikɐs]	LÉSBICAS	VCA	[ˈlɛzbikɐs]
	SSA	[ˈlɛʒbikɛʃ]		TFO	[ˈlɛzbikɐs]
	RJ	[ˈlɛʒbikɛʃ]		RJ	[ˈlɛʒbikɛʃ]

Fonte: Elaboração própria.

Após ouvir a sequência da palavra-alvo dita por locutores de diferentes dialetos, os juízes conquistenses deveriam realizar a seguinte tarefa: “Marque a alternativa que corresponda ao áudio que você julga que tenha sido gravado por uma pessoa de Vitória da Conquista”; e o juiz soteropolitano deveria realizar a tarefa “Marque a alternativa que corresponda ao áudio que você julga que tenha sido gravado por uma pessoa de Salvador”. O juiz deveria marcar o número do áudio que ele julgava ser a gravação feita por um conterrâneo seu, discriminando o seu dialeto entre outros que lhe eram apresentados.

O estímulo sonoro para a tarefa de identificação foi montado a partir da segunda repetição da frase *Estamos passando pelas mesmas vontades que aquelas pessoas na festa*, realizada pelos locutores de Triunfo-RS, Rio de Janeiro-RJ, Vitória da Conquista-BA e Salvador-BA.

Para a tarefa de identificação, foram selecionados cinco estímulos referentes à frase definida. No teste de percepção de Salvador-BA, havia dois estímulos gravados por soteropolitanos e outros três, em que um foi gravado por um conquistense, um pelo informante de Triunfo-RS e um pelo informante do Rio de Janeiro-RJ. Já no teste de percepção de Vitória da Conquista-BA, dos cinco estímulos selecionados para sua composição, dois foram gravados por conquistenses e outros três, em que um foi gravado por um soteropolitano, um pelo informante de Triunfo-RS e um pelo informante do Rio de Janeiro-RJ.

A tarefa de identificação destinada aos soteropolitanos foi montada com a seguinte sequência de áudios: áudio 1 - locutor de Triunfo; áudio 2 - locutor de Vitória da Conquista; áudio 3 - locutor 1 de Salvador; áudio 4 - locutor do Rio de Janeiro; e áudio 5 - locutor 2 de Salvador. Para os conquistenses, o estímulo sonoro era composto pelos áudios dispostos na seguinte ordem: áudio 1 - locutor de Triunfo; áudio 2 - locutor 1 de Vitória da Conquista; áudio 3 - locutor de Salvador; áudio 4 - locutor do Rio de Janeiro e áudio 5 - locutor 2 de Vitória da Conquista.

Nas sentenças selecionadas para a tarefa de identificação do teste de percepção de Salvador-BA, os juízes foram expostos às realizações descritas no Quadro 2.

Quadro 2 – Teste de percepção referente à tarefa de identificação por soteropolitanos (Legenda: SSA – Salvador-BA; RJ – Rio de Janeiro-RJ; TFO – Triunfo-RS; VCA – Vitória da Conquista-BA)

Frase:	<i>Estamos passando pelas mesmas vontades que aquelas pessoas na festa.</i>						
TFO	[es'tamos]	['pelaz]	['mezmɛz]	[võ'tadʒis]	[a'kɛlɐs]	[pe'soas]	['fɛstɐ]
VCA	[es'tamos]	['pelaz]	['mezmɛz]	[võ'tadʒis]	[a'kɛlɐs]	[pe'soas]	['fɛstɐ]
SSA	[eʃ'tamos]	['pelaʒ]	['meʒmɛʒ]	[võ'tadʒiʃ]	[a'kɛlɐs]	[pe'soaʃ]	['fɛʃtɐ]
RJ	[eʃ'tamoʃ]	['pelaʒ]	['meʒmɛʒ]	[võ'tadʒiʃ]	[a'kɛlɐʃ]	[pe'soaʃ]	['fɛʃtɐ]
SSA	[eʃ'tamos]	['pelaz]	['mezmɛz]	[võ'tadʒis]	[a'kɛlɐs]	[pe'soaʃ]	['fɛʃtɐ]

Fonte: Elaboração própria.

Já nas sentenças recrutadas para a tarefa de identificação do teste de percepção de Vitória da Conquista-BA, os juízes foram expostos às realizações descritas no Quadro 3.

Quadro 3 – Teste de percepção referente à tarefa de identificação por conquistenses (Legenda: SSA – Salvador-BA; RJ – Rio de Janeiro-RJ; TFO – Triunfo-RS; VCA – Vitória da Conquista-BA)

Frase:	<i>Estamos passando pelas mesmas vontades que aquelas pessoas na festa.</i>						
TFO	[es'tamos]	['pelaz]	['mezmɐz]	[võ'tadʒis]	[a'kɛlɐs]	[pe'soas]	['fɛstɐ]
VCA	[es'tamos]	['pelaz]	['mezmɐz]	[võ'tadʒis]	[a'kɛlɐs]	[pe'soas]	['fɛstɐ]
SSA	[eʃ'tamos]	['pelaʒ]	['meʒmɐʒ]	[võ'tadʒiʃ]	[a'kɛlɐs]	[pe'soaʃ]	['fɛʃtɐ]
RJ	[eʃ'tamɔʃ]	['pelaʒ]	['meʒmɐʒ]	[võ'tadʒiʃ]	[a'kɛlɐʃ]	[pe'soaʃ]	['fɛʃtɐ]
VCA	[es'tamos]	['pelaz]	['mezmɐz]	[võ'tadʒis]	[a'kɛlɐs]	[pe'soas]	['fɛstɐ]

Fonte: Elaboração própria.

Uma vez que os juízes escutavam o estímulo, eles eram submetidos à tarefa de identificação. Após o áudio, eram dadas alternativas em que eles deveriam escolher entre quatro alternativas de locais de origem da pessoa que gravou aquela frase. Entre as alternativas dadas, encontrava-se a que se referia à cidade do participante que gravou o estímulo, como pode ser visualizado na Figura 3.

Figura 3 – Visualização do teste de percepção (imagem da parte referente à tarefa de identificação)



Fonte: Arquivo dos autores.

Passemos, por fim, para a etapa de tratamento estatístico.

3.4 Tratamento estatístico dos dados

Com a divulgação do *link* com as tarefas de percepção, obtivemos 427 testes respondidos, em que 275 foram de juízes conquistenses residentes da cidade de Vitória da Conquista-BA, 40 de juízes também conquistenses residindo em outra localidade que não fosse a sua cidade natal, 90 juízes soteropolitanos morando em Salvador-BA e outros 22 juízes soteropolitanos residindo fora da capital baiana.

Dos testes respondidos, extraímos um total de 8.540 dados, sendo 6.300 relacionados à percepção sociofonética de conquistenses e os 2.240 de soteropolitanos. Entre os dados de conquistenses, 4.725 foram dados decorrentes da tarefa de discriminação e os outros 1.575 da tarefa de identificação, enquanto os dados de soteropolitanos distribuem-se em 1.680 da tarefa de discriminação e 560 da tarefa de identificação.

Para a organização e o tratamento estatístico, utilizamos planilhas do *Excel* e do *Google*; e, para tratá-los estatisticamente, lançamos mão do *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Apesar de comumente encontrarmos outros *softwares* estatísticos nessa etapa dos estudos de percepção, sendo a nossa escolha mais rara para essa finalidade, é importante frisarmos que o nosso objetivo para este trabalho poderia ser alcançado com o referido programa estatístico, o que não nos impediu, portanto, de adotá-lo. Cabe salientar que este estudo faz parte de uma pesquisa maior, que se encontra em andamento. Desse modo, reconhecemos que análises futuras devem levar em conta modelos de análise mais atuais, como modelos de efeitos mistos.

Então, uma vez adotado o programa estatístico, propusemos, para a análise da tarefa de discriminação, a variável dependente binária *discriminou x não discriminou*; e, para a análise da tarefa de identificação, a variável dependente, também binária, *identificou x não identificou*. Para as duas tarefas, determinamos as variáveis independentes semelhantes, a saber: (i) *realização fonética do estímulo* (alveolar x palatalizada); (ii) *especificidade diatópica do estímulo* (conquistense ou soteropolitano x outro dialeto); (iii) *idade dos juízes* (até 25 anos; entre 26 e 35 anos; entre 36 e 45 anos; mais de 45 anos); (iv) *escolaridade dos juízes* (ensino fundamental; ensino médio; ensino superior; e pós-graduação); (v) *gênero autodeclarado dos juízes* (feminino; masculino); (vi) *filiação dos juízes* (nenhum dos pais de conquistense ou soteropolitano; um dos pais conquistense ou soteropolitano; pais

conquistenses ou soteropolitanos); (vii) *residência dos juízes* (morando em Vitória da Conquista – BA ou Salvador x não morando em Vitória da Conquista – BA ou Salvador – BA)⁶. É válido lembrar que as variáveis independentes sociais foram controladas por meio de perguntas feitas antes das tarefas de percepção nos testes.

Realizamos duas rodadas da análise de regra variável binominal *up and down*, considerando um alfa=0.05, tanto para a tarefa de discriminação quanto para a de identificação. Na primeira rodada, as variáveis *realização fonética do estímulo* e *especificidade diatópica do estímulo* foram administradas separadamente; na segunda rodada, por outro lado, essas variáveis foram amalgamadas, sendo priorizados, no presente artigo, os resultados e discussões relacionados ao cruzamento dessas variáveis predictoras. Justificamos a prioridade para esses resultados, posto que foi por meio deles que pudemos testar as hipóteses aventadas e, conseqüentemente, responder à questão norteadora deste estudo. Entretanto, os resultados das demais variáveis em interação com a realização fonética (alveolar *versus* palatalizada) poderão ser apresentados em outros trabalhos ou artigos que decorram de questões de pesquisa que as favoreçam.

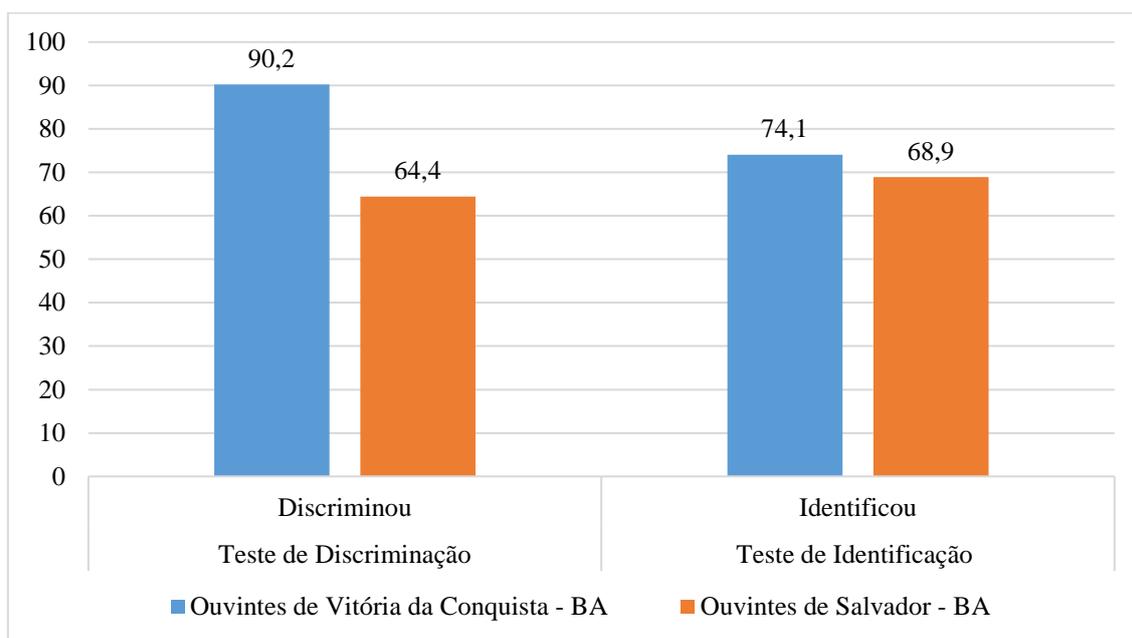
Apresentado o delineamento metodológico deste estudo, passemos aos resultados obtidos e às respectivas discussões.

4 Resultados e Discussões

Antes de apresentarmos os resultados pormenorizados do cruzamento das variáveis *realização fonética do estímulo* e *especificidade diatópica do estímulo*, no gráfico 1, evidenciamos os resultados gerais obtidos pelas tarefas de discriminação e identificação tanto por juízes conquistenses quanto soteropolitanos. Vejamos os valores encontrados.

⁶ Nas variáveis independentes em que há a alternativa entre conquistense e soteropolitano ou Vitória da Conquista – BA ou Salvador – BA, consideramos de acordo com o *locus* de pesquisa de cada teste.

Gráfico 1 - Porcentagem de Discriminação e Identificação dialetal por Conquistenses e Soteropolitanos



Fonte: Elaboração própria

Por meio dos resultados destacados no gráfico 1, notamos que tanto conquistenses quanto soteropolitanos apresentam índices consideráveis para a tarefa de discriminação e identificação. Os juízes de Vitória da Conquista – BA, por sua vez, foram mais sensíveis ao seu dialeto do que os de Salvador – BA, considerando que estes apresentam percentuais na faixa dos 60% e aqueles, acima de 70%, chegando a ultrapassar ligeiramente os 90%. Além disso, quando observados os valores das duas tarefas para ambas as cidades, constatamos que enquanto os juízes conquistenses perceberam expressivamente seu dialeto diante de uma tarefa de discriminação, com 90,2%, os soteropolitanos não demonstraram uma diferença considerável entre uma e outra tarefa, visto que a diferença é de apenas 4,5%.

Embora esses valores sejam aceitáveis para afirmarmos que, nas duas comunidades, os seus falantes identificam os próprios dialetos, tais números não são suficientes para chegarmos a uma resposta concreta para a nossa questão norteadora. Desse modo, passemos aos resultados que levam em consideração as variáveis independentes anunciadas no início dessa seção. Para tanto, apresentaremos, primeiramente, os resultados para a tarefa de discriminação e, posteriormente, os resultados de identificação.

Com relação à tarefa de discriminação, na Tabela 1, evidenciamos os resultados obtidos para os conquistenses, considerando, neste caso, o cruzamento das variáveis *realização fonética do estímulo e especificidade diatópica do estímulo*.

Tabela 1 - Tarefa de discriminação - valores de aplicação à discriminação do dialeto pelo conquistense (Input = 0.927)

TIPOS DE ESTÍMULOS	Nº DE			VALOR DE <i>p</i>
	DISCRIMINAÇÕES	VALOR %	P. R.	
Conquistense (realização alveolar)	1344/1575	85.3	0.32	
Outro Dialeto (realização alveolar)	784/945	83	0.28	0.02
Outro Dialeto (realização palatalizada)	2135/2205	96.8	0.72	
Total	4263/4725	90.2	-	

Fonte: Elaboração própria

Na Tabela 1, tratando-se inicialmente dos estímulos sem a presença de palatalização, notamos que os conquistenses obtiveram valores acima de 80% no que tange à tarefa de discriminação. Todavia, quando passamos a considerar os pesos relativos, observamos um peso relativo de 0.32, obtido para os dados relacionados à percepção de conquistenses expostos a estímulos produzidos também por conquistenses com a realização alveolar do /S/ pós-vocálico, e de 0.28 obtido para os estímulos de pessoas de outro dialeto com a ausência da palatalização. Claramente, com base nos pesos relativos, a realização alveolar do /S/ pós-vocálico não é um elemento em que o conquistense se ancora para discriminar seu dialeto de outro.

Por outro lado, a tarefa de discriminação com estímulos produzidos por pessoas de outro dialeto com palatalização do /S/ pós-vocálico destacou-se pelo peso relativo expressivo no valor igual a 0.72. Das 2.205 vezes que os juízes conquistenses precisaram discernir sobre a origem do estímulo, 2.135 foram classificando-o como sendo um estímulo de uma pessoa não natural de Vitória da Conquista. Esse fato nos leva a considerar que a palatalização passa a ser uma característica em que o conquistense se apoia para eliminar a possibilidade de o estímulo escutado ser de alguém da sua comunidade de fala. Em outras palavras, a palatalização serve para que o conquistense discrimine aquele que não se refere a seu dialeto, isto é, ele não se autoidentifica, mas identifica aquilo que não o representa em termos de traços dialetais.

Não foram obtidos valores com palatalização para estímulos produzidos por conquistenses, considerando que a palatalização na comunidade de fala de Vitória da Conquista-BA acontece por uma contingência articulatória, em ambientes fonéticos nos quais o /S/ em posição de coda silábica acontece anteriormente a uma africada alveopalatal (surda

ou sonora) diante de uma vogal alta não arredondada. Para este estudo, entretanto, não utilizamos estímulos com essa especificidade.

No que tange à tarefa de discriminação por soteropolitanos, na Tabela 2, expomos os resultados encontrados para o cruzamento das variáveis *realização fonética do estímulo* e *especificidade diatópica do estímulo*.

Tabela 2 – Tarefa de discriminação - valores de aplicação à discriminação do dialeto pelo soteropolitano (Input = 0.927)

TIPOS DE ESTÍMULOS	Nº DE DISCRIMINAÇÕES	VALOR %	P. R.	VALOR DE <i>p</i>
Soteropolitano (realização alveolar)	151/224	67.4	0.51	
Soteropolitano (realização palatalizada)	110/336	32.7	0.20	
Outro Dialeto (realização alveolar)	434/672	64.6	0.48	0.03
Outro Dialeto (realização palatalizada)	387/448	86.4	0.76	
Total	1082/1680	64.4	-	

Fonte: Elaboração própria

Não muito diferente dos conquistenses, os juízes naturais de Salvador-BA parecem tomar como elemento dialetal diferenciador a realização palatalizada do arquifonema fricativo em posição de coda silábica. Entretanto, o que nos pareceu bastante curioso é que, para este grupo, em que há uma variabilidade maior na realização do /S/ pós-vocálico, a palatalização em que o soteropolitano tende a se pautar é a produzida por pessoas de outro dialeto. Constatamos isso, especialmente, quando focalizamos os pesos relativos dos estímulos de soteropolitanos com palatalização e de pessoas de outro dialeto com palatalização; para estes obtivemos um peso relativo de 0.76, ao passo que, para aqueles, um peso relativo 0.20., como aspectos prosódicos ou vocálicos. O delineamento experimental aqui montado, contudo, não nos permite fazer qualquer afirmação nesse sentido. Pesquisas futuras devem ser realizadas para testar outros fatores que favoreçam a autoidentificação dos falantes das comunidades aqui investigadas.

É possível observarmos também, na Tabela 2, que os estímulos com a realização alveolar do /S/ em posição de coda silábica não foram determinantes na tarefa de discriminação dos juízes soteropolitanos, uma vez que, para esses casos, obtivemos pesos relativos equivalentes a 0.51 e 0.48. Esses valores, portanto, evidenciam neutralidade para os

fatores decorrentes de estímulos de soteropolitanos e pessoas de outro dialeto sem a palatalização do /S/ pós-vocálico.

Entretanto, se compararmos os pesos relativos obtidos no momento da tarefa de discriminação dos juízes soteropolitanos expostos a estímulos de pessoas de Salvador com e sem palatalização, podemos notar um cenário curioso. No estímulo de um soteropolitano com a ausência de palatalização, obtivemos um peso relativo de 0.51. Já no estímulo de um soteropolitano com a presença de palatalização, obtivemos um peso relativo de 0.20. Estamos, então, diante de uma diferença de 0.31. Isso não pode passar despercebido, pois nos leva a levantar a hipótese de que os soteropolitanos não veem a palatalização do segmento em estudo como um traço que o identifica. E, assim como os conquistenses, a palatalização passa a ser um elemento em que o soteropolitano se apoia para discriminar aquele dialeto que não representa o seu dialeto, uma vez que estímulos de pessoas de outro dialeto com a palatalização desponta com 0.76.

Na sequência, para discutirmos os resultados da tarefa de identificação, temos, na Tabela 3, os valores obtidos por meio do cruzamento das variáveis *realização fonética do estímulo* e *especificidade diatópica do estímulo*, os quais se relacionam aos dados de juízes naturais de Vitória da Conquista-BA.

Tabela 3 - Tarefa de identificação - valores de aplicação à identificação do dialeto pelo conquistense (Input = 0.814)

TIPOS DE ESTÍMULOS	Nº DE IDENTIFICAÇÕES	VALOR %	P. R.	VALOR DE <i>p</i>
Conquistense (realização alveolar)	370/630	58.7	0.23	
Outro Dialeto (realização alveolar)	194/315	61.6	0.27	0.00
Outro Dialeto (realização palatalizada)	603/630	95.7	0.83	
Total	1167/1575	74.1	-	

Fonte: Elaboração própria

Na Tabela 3, é possível observarmos que os conquistenses demonstraram identificar mais habilmente outros dialetos quando expostos a estímulos de pessoas de outra localidade com palatalização do /S/ pós-vocálico. Nesse caso, fundamentamos tal constatação ao considerarmos um expressivo peso relativo de 0.83. Por outro lado, a realização alveolar do /S/ em posição de coda silábica não foi, com efeito, um elemento favorecedor na tarefa de identificação, visto que os juízes conquistenses não identificaram nem outros dialetos

tampouco o seu modo de falar quando expostos a estímulos com ausência de palatalização. Para os estímulos sem palatalização, os pesos relativos foram baixos, equivalendo a 0.23 e 0.27. Isso reforça a ideia de que o conquistense se ancora na palatalização para identificar aquele estímulo que não faz parte da sua comunidade de fala.

Em relação aos resultados obtidos dos dados de soteropolitanos para a tarefa de identificação, podemos conferir os valores na Tabela 4. Passemos, então, a eles.

Tabela 4 - Tarefa de identificação - valores de aplicação à identificação do dialeto pelo soteropolitano (Input = 0.708)

TIPOS DE ESTÍMULOS	Nº DE		P. R.	VALOR DE <i>p</i>
	IDENTIFICAÇÕES	VALOR %		
Soteropolitano (realização palatalizada)	120/224	53.6	0.32	0.04
Outro Dialeto (realização alveolar)	169/224	75.4	0.56	
Outro Dialeto (realização palatalizada)	97/112	86.6	0.73	
Total	386	68.9		

Fonte: Elaboração própria

Os resultados para a tarefa de identificação de soteropolitanos são estatisticamente muito semelhantes aos obtidos para a tarefa de discriminação, os quais apresentamos na Tabela 2 desta seção. Assim, por meio da Tabela 4, atestamos que os juízes naturais de Salvador – BA identificaram com maior facilidade outros dialetos nos quais havia a presença da palatalização do arquifonema fricativo em posição de coda silábica, com um peso relativo igual a 0.73.

Por fim, ainda sobre a Tabela 4, notamos que a realização palatalizada do /S/ em posição de coda silábica nos estímulos de soteropolitanos não favoreceu a identificação do próprio dialeto por juízes também soteropolitanos. Isso reitera o que constatamos na discussão dos resultados da discriminação, em que os juízes soteropolitanos não percebem a palatalização como um fator de inclusão quando se trata de descrever seu dialeto, mas, sim, como exclusão. Em outras palavras, a palatalização do /S/ pós-vocálico passa a ser um elemento de outro dialeto para os soteropolitanos.

Feitas todas essas considerações, sigamos para as considerações possíveis a partir dos resultados discutidos na presente seção.

5 Considerações Finais

Considerando a pergunta norteadora deste estudo, podemos afirmar que os conquistenses apresentaram índices mais altos do que os soteropolitanos nas tarefas de discriminação e identificação de seus dialetos, tendo em vista valores respectivos de 90,2% e 74,1%, para conquistenses, e 64,4% e 68,9%, para soteropolitanos.

Levando em conta a realização do /S/ em coda silábica final e medial, observamos que tanto os conquistenses quanto os soteropolitanos percebem a realização palatalizada do referido segmento fonológico como um critério de exclusão no momento da tarefa da discriminação e identificação. Em outras palavras, ao serem expostos a estímulos com palatalização, os juízes de Vitória da Conquista e de Salvador assumiram, com pesos relativos acima de 0.70, que os estímulos escutados não correspondiam ao seu dialeto. Desse modo, podemos concluir que tomar a palatalização do /S/ pós-vocálico como critério de exclusão no momento de identificar aquilo que não representa seus dialetos é, indiretamente, uma maneira de se autoidentificarem.

Considerando a hipótese aventada neste estudo, não foi possível confirmá-la, uma vez que a ausência de palatalização na fala de conquistenses não favorece a autopercepção dialetal dos conquistenses (P.R.=0.32; 0.23), e os soteropolitanos, por seu turno, tampouco ancoram-se na realização palatalizada do /S/ pós-vocálico na fala de soteropolitanos para reconhecer seu dialeto (P.R.=0.20; 0.32).

Pelo fato de conquistenses não se basearem na não-palatalização, mas, sim, na presença de palatalização em outro dialeto para se (auto)identificar, faz-nos considerar que a comunidade de fala pauta-se naquilo que não está presente no seu dialeto para ter uma percepção mais inclusiva ou exclusiva, isto é, eles se ancoram naquilo que não produzem em todos os contextos fonéticos para se (auto)identificarem, ainda que indiretamente. Todavia, esses resultados nos levam à seguinte pergunta: já que os conquistenses baseiam-se na palatalização para (auto)identificar seu dialeto, qual seria, portanto, a percepção de conquistenses quando expostos a estímulos tanto de pessoas conterrâneas quanto de pessoas de outra localidade em casos nos quais eles também palatalizam diante de uma africada alveopalatal surda ou sonora, seguida de uma vogal alta não arredondada como também acontece em Vitória da Conquista?

Já o comportamento dos soteropolitanos, ao não tomarem a palatalização como elemento fundamental para sua autopercepção, leva-nos a suscitar outras perguntas que

podem nortear também novos estudos, a saber: haveria estigma do uso palatalizado entre os soteropolitanos, fazendo-os rejeitar essa característica linguística como parte do seu falar? A realização alveolar estaria em franca expansão de uso, evidenciando um estágio avançado de mudança em curso, tendência, inclusive, sinalizada por Mota (2002)?

Por fim, para as perguntas levantadas, consideramos a relevância de: (i) um segundo teste de percepção entre conquistenses, considerando, nesse caso, estímulos com palatalização do /S/ pós-vocálico também por conquistenses; (ii) um teste de avaliação entre soteropolitanos, pondo em evidência estímulos com palatalização do arquifonema fricativo em posição de coda silábica; (iii) uma investigação para verificar se, além do /S/ em posição de coda silábica, os juízo se baseiam em outras pistas acústicas, como prosódia ou realizações vocálicas, por exemplo, para identificarem seu dialeto; e (iv) a observação do que tem sido produzido foneticamente em relação ao /S/ pós-vocálico na capital baiana, etapa futura já prevista para esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BASSI, A. *A realização da fricativa alveolar em coda silábica no português brasileiro e no português europeu*: abordagem geolinguística. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa (Portugal), 2016.

BIASIBETTI, A. P. C. D. S. *Produção e percepção das fricativas sibilantes em Porto Alegre - RS e Florianópolis – SC*. 195f. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras – PUCRS. Porto Alegre. 2018.

BRANDÃO, S. F. Estudo variacionista sobre a palatalização de S em coda silábica na fala fluminense. *Anais do 8º Encontro do CELSUL*, Porto Alegre, 1, 2008. p. 1-8.

BRESCANCINI, C. R. *A Palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana do município de Florianópolis: uma abordagem não-linear*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis. 1996.

BRESCANCINI, C. R. A aspiração da fricativa em posição de coda no dialeto florianopolitano-variação e teoria. *Organon*, v. 18, n. 36, 2004.

CORRÊA, C. D. C. *Focalização dialetal em Brasília: um estudo das vogais pretônicas e do/s/pós-vocálico*. Dissertação de mestrado (UnB). Brasília. 1998.

FERREIRA-SILVA, A. *Investigação do papel das informações auditiva e visual na percepção das fricativas do Português Brasileiro*. 242 f. Tese (Doutorado em Linguística e

Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara. 2016.

FOULKES, P.; SCOBIE, J. M.; WATT, D. Sociophonetics. In: HARDCASTLE, W. J.; LAVER, J.; GIBBON, F. E. *The Handbook of Phonetic Sciences*. 2. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010. p. 703-754.

LABOV, W. A sociolinguistic perspective on sociophonetic research. *Journal of Phonetics*, v. 34, p. 500–515, 2006. DOI: 10.1016/j.wocn.2006.05.002.

MONTEIRO, R. C. N. *A Produção Palato-Alveolar de /S/ nas Vozes do Amapá*. 77f. Dissertação de Mestrado (UFPB). João Pessoa. 2009.

MOTA, J. A. *O –s em coda silábica na norma culta de Salvador*. 455 f. 2002. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2002.

NASCIMENTO, L. C. R.; MOTA, J. A. Análise Quantitativa do /S/ em Coda Silábica no Falar Conquistense. In: *ABRALIN em Cena Bahia 2018: Linguagem e Sociedade* (Caderno de Resumos). Feira de Santana: ABRALIN, 2018. p. 150.

PRESTON, D. R. A Language Attitude Approach to the Perception of Regional Variety. In: PRESTON, D. R. *Handbook of perceptual dialectology*. Amsterdam: John Benjamins, v. 1, 1999. p. 359-374.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*, 2005. Acesso em: 01 de dezembro de 2020.

THOMAS, E. R. Sociophonetics. In: CHAMBERS, ; SCHILLING, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. 2. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 108-127.

WILLIAMS, A.; GARRETT, P.; COUPLAND, N. Dialect Recognition. In: PRESTON, D. R. *Handbook of perceptual dialectology*. Amsterdam: John Benjamins, v. 1, 1999. p. 345-358.

Artigo submetido em: 28 fev. 2022

Aceito para publicação em: 29 abr. 2022

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.122778>